

CARTOGRAFIA POLÍTICA DA AÇÃO COMUM



Coletivo PI - Política do Impossível

O coletivo PI é um grupo de artistas-educadores que trabalham na intersecção entre arte, política e educação.

O PI neste projeto:

Beatriz Falleiros Carvalho

Cibele Lucena

Daniel Lima

Eduardo Consoni

Jerusa Messina

Joana Zatz

Luciana Costa

Mariana Cavalcante

Rafael Leona

Supervisão pedagógica da formação inicial do Programa Jovens Urbanos/Cenpec
Coletivo PI - Política do Impossível
Junho e julho de 2007

DESFRAGMENTAR A AÇÃO: da experiência de educação ilhada em cada sujeito para um campo comum, entrelaçado de experiências

Uma das preocupações mais persistentes para nós do grupo PI é o reconhecimento e a construção do sentido de grupalidade: o encontro com o “comum” e a busca, a partir daí, de sua proliferação em ações autônomas que possam eventualmente se desenvolver.

Estabelecer laços sociais, em uma atualidade que cada vez mais fragmenta a vida e perde o sentido de “ser” coletivamente, se torna aqui fundamento e objetivo ao mesmo tempo. Para o desenvolvimento destas relações procuramos criar vínculos que permitam a cada sujeito envolvido “estar de corpo inteiro”, tomados por seus desejos e urgências, trazendo à tona a soma de conflitos macro e micro políticos que compõem cada subjetividade.

É neste ponto que, para nós, a construção de uma “Cartografia¹ Política da Ação Comum” - partindo do mapa de São Paulo - pode subverter uma situação de representação estática, imagem internalizada por todos, difícil de romper; pode subverter um “comum habitual, dado”, tornando-se um terreno fértil de “imersão no comum construído, experienciado, vivido”.

A possibilidade de estabelecer grupos de trabalho que já não sejam amontoados institucionais - onde as hierarquias e a falta de afetação regem as relações - para ir cada vez mais aproximando-se do sentido de grupo, acontece na horizontalidade desta construção do comum, como base para a ação e a criação.

1
“A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência... Até os fantasmas inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, institucionalizados ou não.” (Trechos de Suely Rolnik: *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.)

FORMAÇÃO DO SENTIDO² COMPARTILHADO: as primeiras camadas de uma “cartografia política da ação comum”, construída coletivamente

Aqui a cartografia é registro, organização do vivido; é dinâmica e nunca alienada da vida, ou apartada de seu contexto de origem; é resultado de uma ação implicada do educador-cartógrafo, que vive aquilo que busca representar.

Ao inscrever-se no ambiente público, a cartografia retorna ao mundo como ação, interlocução e interpelação. E da relação com o mundo de volta à cartografia, o educador-cartógrafo traz um novo sentido, atribui ao seu fazer uma outra espessura, acumulando camadas nessa cartografia que nascem da experiência concreta da “ação comum”.

2 *Sentido: um resultado do sentir n um significado n um lugar para onde ir [passado, presente e futuro num só tempo].*

3 *“Porque o que chamamos de potência se relaciona com as vivências humanas, com as relações que homens e mulheres em movimento estabelecem entre si e com os demais. Relações que individual e coletivamente se compõem a partir da dor. (...) É neste sentido que podemos afirmar, agora sim, que a potência é capaz de transformar as pessoas, de transformar a todos e a cada um de nós. Mas só é possível na medida em que participemos dessas relações em movimento, não tanto nos movimentos enquanto instituições”. (Zibechi, Raul. “Dispersar el Poder”, Tinta Limón, Buenos Aires, 2006.)*

CAMADA 1: TERRITORIALIZAÇÃO

[(Percurso + “o que te move?”) > experiência pessoal de mundo]

Sobre a dimensão concreta da cidade - plantas urbanas das 5 zonas de São Paulo - transformamos a *mobilidade*³ dos educadores em conteúdo para o trabalho:

PRIMEIRO MOMENTO: OS PERCURSOS

> *inscrição das diversas mobilidades no território da cidade.*

Apresentação: cada educador marcou no mapa o local onde mora, onde atua e o seu trajeto, a partir das questões:

- De onde você vem/pra onde você vai?
- Qual o seu percurso cotidiano?
- Qual o lugar da sua ação?
- Qual o contexto deste território na cidade?

O objetivo aqui era reconhecer os territórios de atuação - nas suas dimensões física e social - e a relação desses territórios com o contexto da cidade.





SEGUNDO MOMENTO: O (RE)CONHECIMENTO

> *o meu lugar, o lugar do outro e o lugar comum*

Começamos a reconhecer a especificidade deste grupo na sua relação com a cidade; os deslocamentos através das diferentes zonas, trazidos em forma de narrativa pelos educadores, revelaram as diferentes “cidades” vividas por eles e, ao mesmo tempo, questões comuns a todos, ao grupo, surgiram:

- Periferia (bairro) x Centro (cidade) - Moradores de bairros periféricos se referem ao centro como “cidade”. Estes bairros não fazem parte da cidade?
- Representação “oficial” x Representação “não oficial” - No mapa “oficial” das cinco regiões da cidade não está representada grande parte da região do Grajaú, o que esta “invisibilidade” significa? Devemos intervir neste mapa?
- Tão longe e tão perto - O que estas duas regiões (Grajaú e Lajeado) onde atuam os educadores, fisicamente distantes, têm em comum? O que significa “ser da periferia” para o educador, para o jovem e para a comunidade de uma forma mais ampla?



TERCEIRO MOMENTO: O SENTIDO

> *O que move a sua ação como educador?*

A apresentação de cada um dos educadores foi aprofundada neste momento em que cada um trouxe para o grupo, de forma mais explícita, sua subjetividade. Solicitamos que refletissem e compartilhassem com todos "o que move suas ações como educadores", a partir da consigna:

- "Qual instante do seu trabalho, em que seu corpo esteve implicado, você congelaria?". Inscrever na Cartografia Política da Ação Comum uma imagem, um instante, um objeto, ou um acontecimento significativo da sua trajetória como educador.⁴

Anotamos em tarjetas as palavras-síntese dos conteúdos trazidos por cada um, delineando um "território de sentidos e ações" deste grupo.

⁴ Pedimos previamente para o grupo de educadores e formadores que trouxessem para o encontro uma "síntese representativa do que os move no trabalho como educador".

O QUE MOVE A SUA AÇÃO COMO EDUCADOR?

Anel de tucum. Troca de experiências / experiências coletivas > aprendizados estão em muitas situações.

Linguagens e códigos (significados) no encontro de diferenças. Abrir o corpo para o outro (o corpo fala além da fala).

Relação real com o outro

Opção política pelo jovem. Educação enquanto sujeito fundamental nas transformações.

Provocar invasão no imaginário. Deslocar barreiras do possível.

Tesão, respeito, mestre, criança, conflito, resistência, improviso, tradição, grupo, música, história, vadiagem, meio ambiente, arte, educador - educando.

Grupo / Coletivo > composto das diferentes subjetividades

Teologia da libertação > ruptura ou continuidade?

- Provocação - Provocar + Reação = Ação

Romper preconceitos. Consciência das próprias contradições.

Transformação. Revolução. Acreditar. Deslocamento. Permitir descoberta. Construção coletiva.

Cultura de família. Tradição (de pai para filho).

Intuição de que está no caminho certo. Descoberta dos próprios potenciais > reconhecimento.

Acreditar.

Semente > romper > se quebrar > morrer > para virar árvore > gerar frutos e sombra / se romper > ciclo.

Ser "ponte" (liga, conecta, permite trânsito), não ser muro (separa).

O QUE MOVE A SUA AÇÃO COMO EDUCADOR?

Comunicação. Busca por "manejar" seu próprio tempo. Compartilhar crescimento do outro e de si mesmo.

Perspectiva de vida melhor para o jovem e para mim.

Vida compartilhada (mobilizar-se e mobilizar o outro).

Encontro de olhares. Estar junto.

Deslocamento / encantamento.

Origem - pertencimento a uma classe, grupo, representatividade coletiva. Luta de classes.

Criação coletiva (sentidos, sabores, alimentar a alma).

Ajudar o outro a descobrir suas potências, "ser águia".

Libertação. Atitude de amar. Fé. Aliança. Estamos a serviço de quem?

Fé. "Você pode, você faz" > "Poder, sentir-se seguro". Trabalhar com juventude.

Momento mágico (em busca da aula perfeita).

Extirpação da linguagem e do consumo.

Re-significação.

Encontros que rompem/ transformem os corpos.

Reconhecimento.

O mundo não é, está sendo. Hora de intervir.

Onde encontro afeto, tesão, prazer, respeito?

Grupo > educador > grupo de jovens (movimento pendular).

Deixar de ser semente

Desafio do novo e da mudança, presente na juventude

Equidade x Igualdade. Ensinar aprendendo, aprender ensinando. Dar - Receber (movimento pendular).

Transformar-nos, transformar-se. Afetos.

Aliar teoria e prática (buscar viver o que se acredita).

Trabalhar pelo jovem? Para o jovem? Com o jovem?

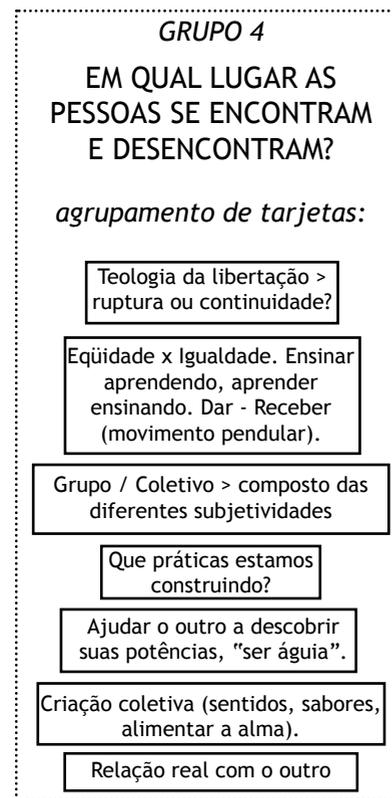
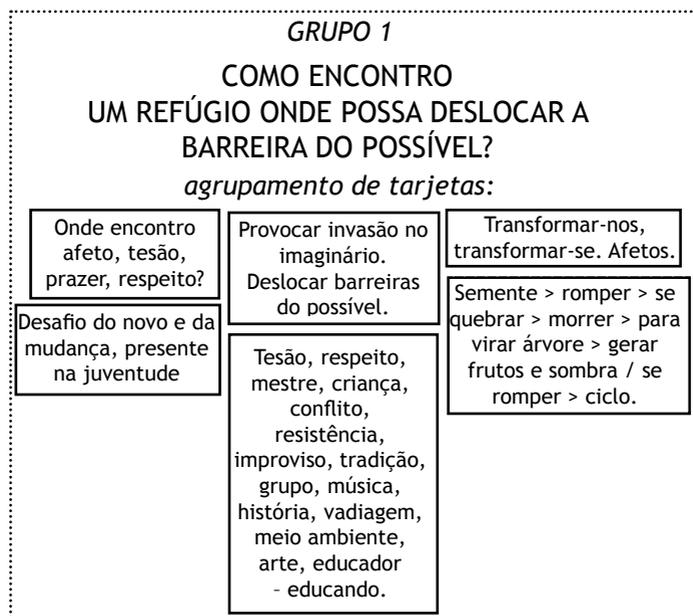
Que práticas estamos construindo?

CAMADA 2: PREPARANDO-SE PARA DESTERRITORIALIZAR-SE

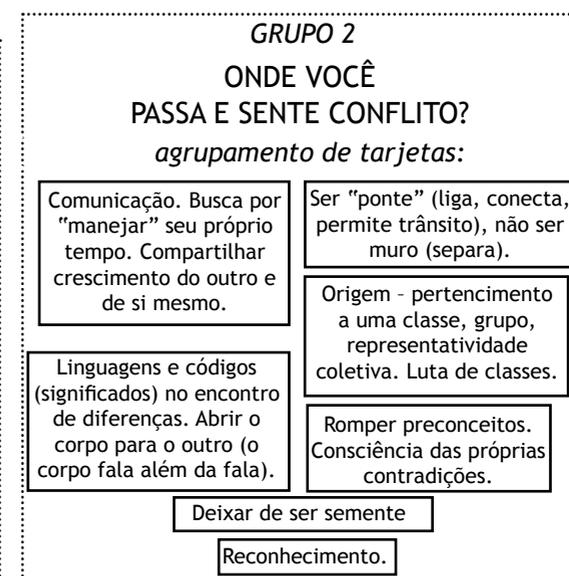
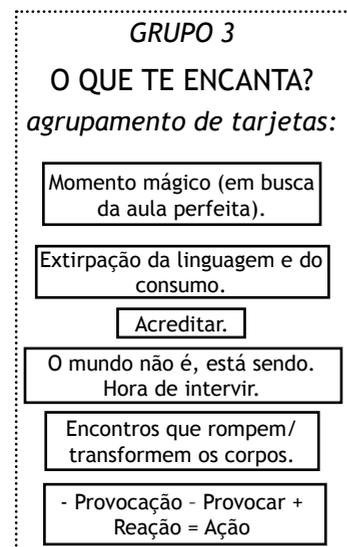
[agrupamentos de sentidos / início de uma construção consciente do comum > 4 perguntas-síntese para investigação (transposição de experiências)]

As tarjetas foram agrupadas em quatro “campos de sentido”, que passaram a orientar o caminho dos educadores - agora divididos em quatro sub-grupos - em direção a uma construção consciente do “sentido comum”.

A partir de seus respectivos “campos de sentido”, cada grupo formulou perguntas-síntese, com o objetivo de delinear uma situação a ser investigada no contexto da cidade:



As perguntas-síntese revelam o momento de constituição do comum ao transformar o residual e fragmentado em indagações coletivas, levando a ações significativas para o grupo. Neste momento, em que se pôde visualizar eixos que reverberavam em todos os corpos, se tornou mais fluida a passagem para o campo coletivo na medida em que já não era possível saber “o que era de quem”. Ou, melhor dizendo, os limites do individual e do grupal tornaram-se mais tênues. O comum, assim, pôde tomar forma e, nessa medida, se retro-alimentar.



CAMADA 3: DESTERRITORIALIZAÇÃO

[investigação-ação (cidade como terreno cartográfico) + cartão postal (imagem-síntese)]

- *Como encontro um refúgio onde possa deslocar a barreira do possível?*
- *Onde você passa e sente conflito?*
- *O que te encanta?*
- *Em qual lugar as pessoas se encontram e desencontram?*

PRIMEIRO MOMENTO:

“OS VIAJANTES NA CIDADE”

Com postura de “viajantes” - um sentimento de “estrangeiro na própria cidade” e um olhar curioso - os educadores saíram às ruas, reunidos nos seu respectivos grupos, em busca da informação desejada e formalizada na pergunta-síntese.

Roteiro de investigação-ação:

1. Sair à rua como grupo, com seus instrumentos de investigação: a pergunta-síntese, câmeras fotográficas, materiais de registro que julgarem adequados.
2. Buscar a informação contida na pergunta-síntese conversando com as pessoas na rua; estabelecer com elas um diálogo para chegar à situação que o grupo está procurando.
3. Ir ao ponto indicado e fotografá-lo para transformá-lo em cartão-postal.



Onde você passa
e sente conflito?

PLACE
POSTAGE
HERE

A experiência coletiva na cidade potencializou o que estava sendo construído na cartografia ao “dar carne” e atualizar este “comum em processo”. Neste momento, o “comum” transformou-se em imagem-síntese da “situação de encontro” vivida.



Em qual lugar
as pessoas se encontram
ou desencontram?

PLACE
PIC/PER
POSTAGE
HERE



Como encontro um refúgio
onde possa deslocar a
barreira do possível?

PLACE
PIC/PER
POSTAGE
HERE



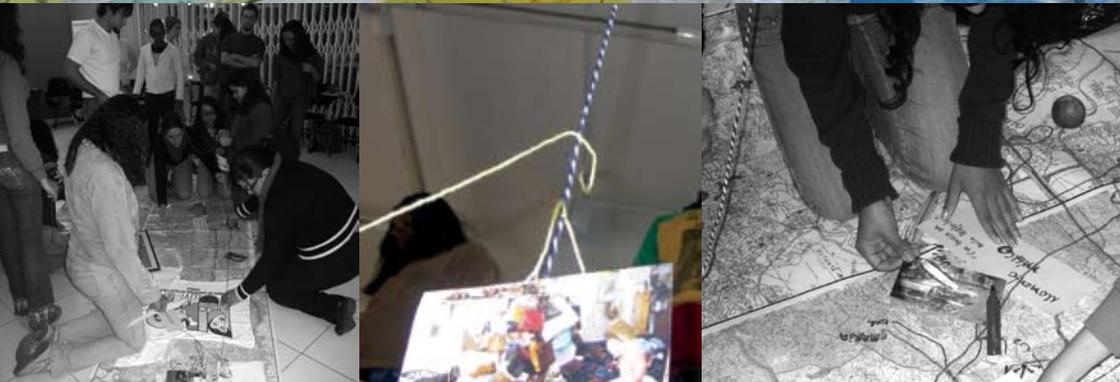
Em qual lugar
as pessoas se encontram
ou desencontram?

PLACE
PIC/PER
POSTAGE
HERE



O que te encanta?

PLACE
PIC/PER
POSTAGE
HERE



SEGUNDO MOMENTO:

O COMPARTILHAR DAS 4 VIAGENS

> *cartões postais com imagens-síntese produzidas pelos grupos.*

De acordo com a situação metafórica⁵ vivida pelos 4 grupos de “viajantes”, as imagens-síntese produzidas foram transformadas num cartão postal de cada “viagem”.

Chegou então o momento de todos compartilharem as experiências vividas por cada grupo na investigação-ação e significá-las no contexto desta “cartografia comum”, dando a ela uma maior profundidade e clareza.

- A partir das experiências, o que os delinea como grupo?
- Quais questões, sentidos e ações comuns existem?

5

Situação Metafórica:
A “situação metafórica” cria pontes entre os diferentes mundos e permite associar o que está sendo dito/vivido a algo já vivido, estabelecendo alguma ligação com o conhecimento cultural comum a todos. Cria assim um parâmetro para o diálogo, um ponto de convergência entre as pessoas que compõe o grupo. As “situações metafóricas” não são simplesmente “metáforas” porque devem necessariamente conter o desenvolvimento de uma ação e assemelhar-se a “situações da vida”. Enquanto estratégia, consiste em criar situações fantásticas a partir da realidade, nas quais estão contidas as questões sobre as quais pretende-se dialogar.

CAMADA 4: RETERRITORIZAÇÃO

[perguntas-geradoras que surgiram a partir do processo vivido (transposição da experiência)]

Neste momento, todos fizemos a avaliação das etapas já vividas nesse processo criando perguntas. Percebemos então algo inesperado, mas profundamente potente para a continuidade do trabalho: a maioria dos educadores formulou perguntas projetivas, pensando o que foi vivido já no contexto do que será vivido com os jovens do programa.

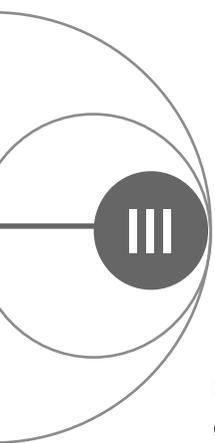
A partir daí, os planejamentos feitos ao longo desta Formação Inicial foram retomados. Agora, na etapa final desses primeiros encontros, evidenciou-se a importância de tomar “o que move o percurso do educador” como ponto de partida para a elaboração dos projetos/planejamentos a serem desenvolvidos com os jovens e, para isso, as equipes de educadores das ONG’s executoras foram buscar a pergunta-geradora que estava por trás de cada planejamento. São elas:

- **7 de Setembro:** “De que forma a urbanização participa no dia-a-dia da periferia?”
- **Comunidade Cidadã:** “Quais as experiências e expectativas do jovem em sua relação com o Bairro?”
- **Monte Verde:** “Será que no meio do caminho, por sermos o “norte”, não orientaremos os jovens a fazer o projeto por fazer, estando esse previsto no PJU?”
- **Vento em Popa:** “Como trabalhar em conjunto respeitando as vontades individuais?”

- **Casa dos Meninos:** “O que você conhece do seu Bairro e da sua Cidade?”
- **Plugados:** “Como são as relações do jovem na escola e com a escola?”
- **Kolping:** “O que temos em comum?”
- **AVIB:** “Quem são estes Jovens?”

Mas por que pensar a partir de perguntas? Porque perguntar-nos antes de afirmar? São muitas as questões que podem surgir a partir do momento em que aceitamos o não afirmado. Pensar a partir de perguntas é convidar o outro a questionar-se. Os pensamentos que começam com uma afirmação não convidam ao diálogo, não estabelecem no outro um interesse por compartilhar o “que fazer”. Antes, vêm afirmar o que já se tinha como conhecimento ou desconhecimento; quando os caminhos do pensamento chegam como respostas não há lugar para desenvolver a espessura das distintas camadas de sentido que se despertam em cada sujeito frente a uma situação. Quando aparece uma resposta antecipada à pergunta, se produz uma falsa resolução do problema e, portanto, um falso entendimento da situação.

Por isso a importância de que as 8 perguntas-geradoras, formuladas pelas equipes de educadores de cada ONG executora em relação aos seus próprios projetos, sejam uma forma de alimentar o coletivo e de mobilizar os educadores em uma busca, entendendo o próprio planejamento como uma busca a ser compartilhada e construída com os jovens e com os educadores das outras ONG’s. As perguntas devem ser encaradas como campos de estudo dos quais todos estão cientes, porque o estudo realizado por um grupo é importante e serve a todos. São estes estudos em desenvolvimento e em relação que formarão a próxima camada desta cartografia.



O MOVIMENTO ESPIRALAR: IR PARA VIR TRANSFORMADO

Uma pergunta nasce de inquietações, de desejos de aprendizado. Perguntar é uma chave que abre portas, inaugura sentidos e provoca reflexões. Questões movem um grupo à construção de conhecimento compartilhado, em transformação e aprimoramento. Perguntas podem não ser respondidas e gerar tantas outras, em uma busca contínua de significados re-significados.

Agrupando os percursos, urgências e movimentos de cada educador, chegamos a quatro perguntas-síntese. No momento em que formularam as perguntas, os educadores já estavam acionando o campo do comum. Ou melhor, as suas questões subjetivas e aparentemente pessoais ajudaram a compor uma questão grupal que, como tal, já era de todos e não era de ninguém.

Quando foram para a rua e perguntaram para pessoas desconhecidas estas mesmas coisas, o campo do comum se expandiu ainda mais, quando perceberam que as suas indagações reverberavam no corpo de outras pessoas, pois são indagações que dizem respeito ao viver na cidade. O particular, assim, se desterritorializou para movimentar-se, ganhar mais espessura.

De volta aos seus territórios de ação cotidiana, cada educador poderá dar continuidade a esse movimento:

Primeiramente, a descoberta de perguntas pessoais, íntimas, que originam cada planejamento, constituirão a base geradora da “grande pergunta” feita por cada equipe de educadores, que dará continência e orientará os projetos desenvolvidos com os jovens (esta dimensão íntima da pergunta é fundamental porque é ela que move de fato o corpo do educador, que transforma o processo em um percurso criativo). Então, nesse movimento, o segundo passo será investigar as perguntas que nascem junto aos jovens, a partir daquelas primeiras, íntimas, do educador. O terceiro, encontrar formas e estratégias para “*desterritorializar a pergunta*”, procurando-a no seu entorno e, possivelmente, em toda a cidade. Finalmente, o quarto momento: colocar as 8 perguntas-geradoras feitas pelos educadores, as novas perguntas feitas junto aos jovens e as investigações realizadas, em relação. Ou seja, cada um dos processos de investigação-ação gerados por cada educador com seus respectivos grupos de jovens, quando colocados em relação, deverão formar uma nova camada da *Cartografia Política da Ação Comum*, iniciada nos encontros de Formação Inicial deste programa.

RECOMENDAÇÕES: VISLUMBRANDO NOVAS CAMADAS PARA ESTA “CARTOGRAFIA POLÍTICA DA AÇÃO COMUM”

A conjunção das diferentes investigações não proporciona conhecimentos acadêmicos, não procura ser universal, mas permite a auto-compreensão da realidade, inscrita nas próprias vivências. Assim, o que se concretiza, aqui, são as ferramentas do cartógrafo, já não como indivíduo, mas como grupo. Esta seria uma maneira de pôr em prática um interesse real pela “rede” formada no Programa Jovens Urbanos, a partir do próprio interesse e não como algo externo às necessidades dos distintos grupos.

Considerando que, nesse campo comum e compartilhado, as questões geradoras dos projetos interessam e alimentam a todos, recomendamos o compartilhar dos projetos, de modo que cada lugar/grupo participe, junto aos demais, de uma mesma construção de conhecimentos. Assim, enquanto um grupo exploraria, através da prática de investigação-ação, os conteúdos de sua formação histórica, a esta investigação se somaria a de outra comunidade onde se desenvolve a pesquisa sobre “autonomia” (e o mesmo com relação às outras perguntas-geradoras).

Mas como fazer um intercâmbio de produções e criações coletivas que seja vivido por todos os integrantes desta rede? Como compartilhar as perguntas que vão surgindo de cada prática? Estas são questões que, no nosso entender, deveríamos pôr em desenvolvimento a partir de agora, para dar continuidade à essa Cartografia Política da Ação Comum.

Sendo as culminâncias momentos em que as produções realizadas pelos jovens ganham dimensão pública, recomendamos que sejam também encaradas como momentos de encontro e compartilhamento desses projetos, por todos os participantes desta cartografia.